

## **O EMPREGO DO PELOTÃO DE EXPLORADORES ORGÂNICO DO 23º ESQUADRÃO DE CAVALARIA DE SELVA EM OPERAÇÕES DE RECONHECIMENTO DE EIXO FLUVIAL EM PROVEITO DE UMA BRIGADA DE INFANTARIA DE SELVA NA MARCHA PARA O COMBATE**

Kleber Yañez do Nascimento

Resumo: A Amazônia brasileira, maior área de floresta equatorial do mundo, possui como características seu vazio demográfico e a escassez de estradas. Sendo ricamente cortada por rios e igarapés, estes se tornaram vitais para a sobrevivência de seus habitantes, pois são suas verdadeiras estradas e avenidas por onde flui praticamente toda a alimentação e garante a locomoção de grande parcela da população. Em uma operação militar torna-se imperioso o controle sobre esses canais de comunicação e transporte como forma de se garantir o sucesso da operação pela importância que assumem na região. O 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva tem como uma de suas missões a de reconhecer os eixos de progressão de interesse para a Grande Unidade que o enquadra, visando obter informes sobre o inimigo e sobre a área de operações. Como os eixos fluviais são os grandes eixos de progressão da Amazônia, chegou-se ao seguinte problema: qual o processo a ser utilizado pela Cavalaria de Selva para realizar o reconhecimento de eixo fluvial? Diante disso, o objetivo do estudo foi analisar este problema, buscando as respostas para questões como: Qual a finalidade do reconhecimento de eixo fluvial? Como o Exército Brasileiro realiza o reconhecimento de eixo fluvial? A doutrina de reconhecimento de eixo terrestre pode ser aplicada no reconhecimento de eixo fluvial? Quais adaptações são necessárias para o emprego da doutrina de reconhecimento de eixo terrestre no reconhecimento de eixo fluvial? Qual a missão do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva? Qual a organização do Pelotão de Exploradores orgânico do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva? O Pelotão de Exploradores orgânico do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva está apto a realizar o reconhecimento de eixo fluvial? Em que medida o 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva está apto a realizar o reconhecimento de eixo fluvial, analisando seus meios e organização? Como outros Exércitos ou Forças Armadas realizam o reconhecimento de eixo fluvial? Quais as modificações necessárias para o Pelotão de Exploradores orgânico do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva estar apto a cumprir a missão de reconhecimento de eixo fluvial? Como deve ser o processo de reconhecimento de eixo fluvial a ser empregado pelo Pelotão de Exploradores orgânico do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva? Desta forma, baseando-se em metodologia de pesquisa científica consagrada, propôs-se um processo para ser realizado o reconhecimento de eixo fluvial pela cavalaria de selva.

**PALAVRAS CHAVE:** Amazônia, Reconhecimento de Eixo Fluvial, Pelotão de Exploradores.

## **EMPLEO DE LA SECCIÓN DE EXPLORACIÓN ORGÁNICO DEL ESCUADRÓN 23 DE CABALLERÍA DE SELVA EN OPERACIONES DE RECONOCIMIENTO DEL EJE FLUVIAL EL BENEFICIO DE UNA BRIGADA DE INFANTERÍA DE SELVA EN MARZO DE LUCHA CONTRA**

**Resumen:** La Amazonia Brasileña, la mayor oreca de floresta ecuatorial del mundo, posee como característicos principales su vacío demográfico e la escasez de caminos. Sus ríos y arroyos son indispensables para la sobrevivencia de sus habitantes, ya que son verdaderos caminos e avenidas por donde fluyen prácticamente toda la alimentación y garantizo la locomoción de gran parte de su población.

En una operación militar se torna imperioso el control sobre esos canales de comunicación y transporte para poder garantizar el buen suceso de la operación, por la importancia que tienen en la región. El 23 Escuadrón de Caballería de Selva tiene como una de sus misiones principales, la de reconocer los ejes de progresión de interés para la Gran Unidad de Combate que lo encuadra, intentando obtener informes sobre el enemigo y sobre el área de operaciones. Como los ejes fluviales son los grandes ejes de progresión de la Amazonia, se llegó al siguiente problema: ¿Cuál será el proceso o utilizar por la Caballería de Selva para realizar el reconocimiento del eje fluvial? Planteado el interrogante, el objetivo de estudio fue analizar este problema, buscando las respuestas para cuestiones como ¿Cuál es la finalidad de reconocimiento de eje fluvial? ¿Cómo el Ejército Brasileño realiza el reconocimiento de eje fluvial? ¿La doctrina de reconocimiento de eje terrestre puede ser aplicada en el reconocimiento de eje fluvial? ¿Cuáles son las adaptaciones necesarios para emplear la doctrina de reconocimiento de eje terrestre en el reconocimiento de eje fluvial? ¿Cuál es la misión del Escuadrón 23 de Caballería de Selva? ¿Cuál es la organización de la Sección de Exploración orgánico del Escuadrón 23 de Caballería de Selva? ¿La Sección de Exploración orgánico del Escuadrón 23 de Caballería de Selva es apta para realizar reconocimiento de eje fluvial? ¿En qué medida el Escuadrón 23 de Caballería de Selva es apto para realizar reconocimiento de eje fluvial, analizando sus medios y su organización? ¿Como otros Ejércitos o Fuerzas Armadas realizan reconocimiento de eje fluvial? ¿Cuáles son las modificaciones necesarios que la Sección de Exploración orgánico del Escuadrón 23 de Caballería de Selva estará apto para cumplir la misión de reconocimiento de eje fluvial? ¿Cómo debe ser el proceso de reconocimiento de eje fluvial a ser empleado por la Sección de Exploración orgánico del Escuadrón 23 de Caballería de Selva? De esta manera, basándose en la metodología de investigación científica, se propone un proceso para realizar el reconocimiento de eje fluvial por parte de la Caballería de Selva.

**PALABRAS CLAVE:** Amazonia, Reconocimiento de Eje Fluvial, Sección de Exploración.

## 1 INTRODUÇÃO

Com a criação do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva, sediado em Tucuruí-PA, faz-se necessária a evolução doutrinária da Arma de Cavalaria, acrescentando-se o emprego da Cavalaria de Selva no ambiente operacional amazônico, em especial nas operações ribeirinhas como será descrito a seguir.

Segundo o Manual C 72-20, O Batalhão de Infantaria de Selva (BRASIL, 1997b, p 1-1), o ambiente operacional amazônico é composto de uma extensa e densa floresta equatorial, com uma malha aquática de grande proporção e escasso em estradas. Aliando-se a estes fatores, às elevadas temperaturas, à abundância de chuvas e aos altos índices de umidade relativa do ar, este ambiente se torna extremamente inóspito, exigindo o emprego de tropas altamente adestradas e com relativa autonomia.

Outras peculiaridades importantes da região amazônica são a rarefação demográfica e a concentração da população ao longo dos rios, constituindo um grande ambiente ribeirinho com predominância das linhas de comunicações fluviais, sendo estas últimas a sustentação de todas as ações humanas na Amazônia (Ibidem, p 1-2).

A bacia como um todo, conforme demonstrado na figura abaixo, possui cerca de 23.000 km de vias navegáveis e permite a navegação de grande calado, em qualquer época do ano, até Iquitos, no Peru (BRASIL, 1997a).



FIGURA 01 – Bacia Amazônica  
Fonte: Ministério dos Transportes

Recebendo afluentes dos hemisférios Norte e Sul, com regimes de chuvas diferentes, o volume d'água do AMAZONAS se mantém praticamente inalterado durante todo o ano (BRASIL, 1997a, p 2-5).

O manual Operações na Selva (Ibidem, p 2-5), sobre a região

Amazônica, faz as seguintes considerações:

A sinuosidade dos rios, a variação da topografia dos seus leitos, associada à inexistência de documentos hidrográficos, impõem uma série de condicionantes à navegação nos rios amazônicos, tais como:

- utilização intensiva de “práticos”;
- uso de barcos com casco chato, ou de pequeno calado;
- restrição no comprimento das embarcações; e
- dificuldade de acesso a pontos afastados da calha principal a embarcações da Marinha de Guerra, que possam prover um maior apoio de fogo (corvetas).

Um outro fator hidrográfico que determina modificações na topografia, além de ser aspecto importante na navegação fluvial, é a mudança nos cursos dos rios amazônicos. Por serem relativamente jovens, os rios da região ainda não possuem cursos estabilizados, assim o que hoje é uma alça de um rio, amanhã pode estar transformado em lago, pela retificação do curso. Estas modificações ocorrem devido à região estar sujeita a inundações, durante a estação das chuvas e por ocasião do degelo nos Andes. Nas áreas próximas à costa marítima, pode haver influência das marés (BRASIL, 1997a, p 2-5; 1997b, p 1-2).

A navegabilidade dos rios amazônicos é ampliada na época das cheias, porém pode haver dificuldade para o emprego de embarcações de maior calado durante as vazantes. Apesar disso, o transporte fluvial é predominante na área, complementado pelo aéreo e rodoviário (Id., 1997b, p 1-2).

As escassas rodovias, principalmente as não pavimentadas, sofrem grande redução de suas capacidades pelas chuvas, tornando-se geralmente intransitáveis, limitando as operações em ambiente amazônico àquelas executadas por tropas a pé, aeromóveis, aeroterrestres ou por deslocamento fluvial (Ibidem, p 1-3).

Por tudo isto que foi apresentado, a presente investigação pretende verificar como o Pelotão de Exploradores (Pel Exp) orgânico do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva (23º Esqd C SI) irá realizar o reconhecimento de eixo fluvial, primordial para o sucesso das operações ribeirinhas, esperando que as informações adquiridas sirvam de subsídio para o estabelecimento de uma doutrina de emprego, no que diz respeito ao reconhecimento de eixo fluvial.

## **2 METODOLOGIA**

Esta seção tem por finalidade apresentar pormenorizadamente o

encadeamento lógico que foi seguido no intuito de solucionar o problema desta pesquisa, qual seja, de que maneira o Pel Exp orgânico do 23º Esqd C SI realiza uma Operação de Reconhecimento de Eixo Fluvial (Op Rec E Fluv) em prol da Brigada de Infantaria de Selva (Bda Inf SI) em uma Marcha para o Combate Fluvial.

Indicar-se-ão os procedimentos que foram utilizados para a obtenção das informações de interesse e a maneira como foi feito o processamento e análise de dados, abordando a pesquisa e a definição dos procedimentos que serão empregados por ocasião da análise dos dados.

O estudo será delineado pelo problema objeto deste trabalho, já tratado anteriormente, e será empregada a pesquisa aplicada, qualitativa e descritiva, adotando como métodos, o dedutivo e o comparativo para o entendimento das questões de estudo.

Selecionou-se como amostra integrantes do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva, em especial o comandante da subunidade, S3, comandantes e sargentos dos pelotões orgânicos operacionais. Incluiu-se alunos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), das Armas de Infantaria e Cavalaria, que tenham servido no Comando Militar da Amazônia.

Foram empregadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e levantamento, sendo utilizados como instrumentos de coleta os questionários.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este capítulo tem por finalidade apresentar e discutir os resultados obtidos, por meio das pesquisas bibliográfica e documental realizadas, que permitiram formar uma base de conhecimento acerca de processos de reconhecimento de eixo fluvial realizados pelo Exército Brasileiro, Marinha do Brasil e pela Marinha Americana, identificando, ainda, os meios com os quais operam. Também são apresentados os resultados obtidos através das pesquisas de campo realizadas através de questionários, permitindo um confronto de idéias apresentadas através dos tópicos: Organização e Emprego e, Meios e Processos.

### 3.1 ORGANIZAÇÃO E EMPREGO

O Pelotão de Exploradores, orgânico do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva, é composto por um Grupo de Comando e por três Grupos de Exploradores que, por sua vez, são divididos em duas patrulhas cada. O quadro abaixo representa sinteticamente a organização e efetivo do pelotão.

Fração		Integrantes	Efetivo
Cmdo e Gp cmdo		01 – 1º Ten 01 – 2º Sgt 04 – Sd	<b>06</b>
1º Gp Expl	1ª Patr	01 – 3º Sgt 04 – Sd	<b>05</b>
	2ª Patr	01 – Cb 04 – Sd	<b>05</b>
2º Gp Expl	1ª Patr	01 – 3º Sgt 04 – Sd	<b>05</b>
	2ª Patr	01 – Cb 04 – Sd	<b>05</b>
3º Gp Expl	1ª Patr	01 – 3º Sgt 04 – Sd	<b>05</b>
	2ª Patr	01 – Cb 04 – Sd	<b>05</b>
Efetivo por posto/ Efetivo total		01 – 1º Ten 01 – 2º Sgt 03 – 3º Sgt 03 – Cb 28 – Sd	<b>36</b>

Quadro 1: Organização sintética do Pel Exp  
Fonte: o autor

O Pelotão de Exploradores foi concebido para cumprir missões limitadas de reconhecimento, podendo receber outras missões complementares como estabelecimento de PO, patrulhas, condução de fogos indiretos e ligação

O pelotão de exploradores, devido às suas características, tem condições de participar de operações de segurança, podendo conduzir uma missão de vigilância isoladamente. Executa as missões de proteção e cobertura quando enquadrado por outra força de maior efetivo (Ibid., 2001).

Pela pesquisa bibliográfica foi verificado que a organização do Pelotão de Exploradores é semelhante às utilizadas por outras frações que executam o reconhecimento de eixo fluvial, ou missões similares a essa.

O Batalhão de Infantaria de Selva, em uma marcha para o combate fluvial, destaca de sua companhia vanguarda o escalão de reconhecimento, sendo este composto por um pelotão de fuzileiros, podendo ser reforçado.

A Marinha do Brasil utiliza o escalão avançado (EA) que opera a uma distância considerável do corpo principal da Força Tarefa Ribeirinha para prover alerta antecipado e segurança ao deslocamento da força. O Destacamento de Fuzileiros Navais, integrante do EA, dependendo das tarefas que receba e das características das hidroviáveis, pode variar de um Grupo de Combate (GC) a um Pelotão de Fuzileiros Navais (PelFuzNav), que possuem efetivo similar ao empregado no Exército Brasileiro (BRASIL, 2005).

Analisando a experiência americana durante a Guerra do Vietnã, percebeu-se que a Marinha Americana utilizava sua tropa SEAL para as missões de reconhecimento com pelotões de quatorze homens, sendo divididos em dois grupos de combate de seis homens cada. A explicação para estas frações de número reduzido encontravam amparo no sigilo necessário para as operações especiais, como o reconhecimento, pois, diminuindo o número de integrantes, seria mais improvável a percepção pelo inimigo de sua aproximação.

Verificando a organização do pelotão de exploradores, em sua divisão por patrulhas, têm-se efetivos similares aos utilizados pelos norte-americanos, sendo possível sua utilização para missões específicas, adequando-se, desta forma, a doutrina testada em combate.

Através das respostas obtidas nos questionários, não houve qualquer discussão acerca do efetivo e organização do Pelotão de Exploradores para a execução do reconhecimento de eixo fluvial. Quanto à aptidão do pelotão, 82% dos participantes declararam ser esta fração apta a realização da missão e, da pesquisa realizada junto aos oficiais da arma de infantaria, 72% inferem que o estabelecimento de uma força de segurança/proteção, facilitaria a manobra do seu batalhão.

Desta forma, confrontando-se o exposto na revisão de literatura com os dados obtidos pelos questionários, verifica-se que a organização do Pelotão de Exploradores atende as doutrinas vigentes sobre o assunto, pois possui similares no Exército Brasileiro e na Marinha do Brasil e, por ser organizado em patrulhas, emparelha-se a experiências estrangeiras permitindo, assim, seu emprego para o reconhecimento de eixo fluvial.

### 3.2 MEIOS E PROCESSOS

O Batalhão de Operações Ribeirinhas da Marinha do Brasil, cumprindo missões junto ao Escalão Avançado, utiliza como meios de aproximação e desembarque a Lancha de Assalto Rápida (LAR), sendo estas não blindadas. Cabe ressaltar que as Lanchas de Assalto Rápidas são lançadas a partir de uma embarcação maior, geralmente embarcações do tipo Navio Patrulha Fluvial (NaPaFlu) as quais lhe apóiam em fogo e funções logísticas. Esta embarcação, que conduz o efetivo de 10 homens, é dotada de uma Mtr 7,62mm na proa visando o apoio de fogo aproximado ao seu grupo de combate. Como características favoráveis ao emprego em ambiente operacional amazônico, possuem rampa para desembarque, baixa silhueta, pedestal para o armamento da proa, possibilidade de navegação em rios rasos e boa velocidade (ELKFURY, 2001).

Durante a experiência militar americana no conflito do Vietnã, verificou-se que foram testadas várias combinações de embarcações buscando o equilíbrio entre velocidade de deslocamento e proteção blindada necessária. Como o meio em que operavam era infestado de inimigos, a potência de fogo aliada à proteção blindada era imprescindível.

A experiência em combate levou os americanos a adotarem três tipos de embarcações: Embarcações SEAL de suporte pesado (HSSC), Embarcações SEAL de suporte médio (MSSC) e Embarcações SEAL de suporte leve (LSSC). Contando com esses três tipos de embarcações, a tropa SEAL podia se adequar as mais variadas missões. Contavam, ainda, com embarcações de inserção STAB ou de botes infláveis.

As embarcações do tipo HSSC pesavam 75 toneladas e 18 metros de comprimento. O MSSC pesava 17 toneladas e tinha 12 metros de comprimento. Por fim, o LSSC pesava 5 toneladas e tinha 3,2 metros de comprimento. Pelas características apresentadas, verifica-se que o HSSC e o MSSC fogem ao objetivo do estudo, pois possuem tamanho e peso que impossibilitam sua utilização como embarcações de reconhecimento, pois dificultariam a manutenção do sigilo e seriam facilmente identificadas por um inimigo estacionado às margens do eixo fluvial, porém, são excelentes embarcações para o apoio de fogo quando das inserções em embarcações

menores.

O LSSC era equipado com duas metralhadoras 7,62mm a meia embarcação e uma metralhadora .50 na popa. Possuía blindagem de cerâmica e cortina anti-fragmentos para a proteção da tripulação e motor, e transportavam uma equipe de 7 SEALs, com dois ou três tripulantes.

A Colômbia emprega como sua unidade tática básica o ECF (Elemento de Combate Fluvial), composto de 28 a 39 homens que operam utilizando 4 botes de assalto a partir de uma embarcação maior, possuindo a mesma finalidade do escalão avançado da Marinha do Brasil. Similarmente à Marinha Americana, operam a partir de uma embarcação pesada ou leve, com características próximas ao HSSC e MSSC discutidos anteriormente, que tem por finalidade apoiar logisticamente e pelo fogo a tropa em assalto (Jane's, 2011).

Analisando as características desejáveis para as novas embarcações para combate ribeirinho apresentadas na revisão de literatura, cabe discutir sua serventia para tropas do Exército, especialmente o brasileiro, por possuir uma imensa área ribeirinha sob sua co-responsabilidade.

Analisando a revisão bibliográfica sobre as embarcações empregadas pelos SEALs durante o conflito do Vietnã, pôde-se verificar embarcações atingidas por foguetes e projéteis dos mais variados calibres. A densa vegetação ciliar da Amazônia permite a aproximação de uma tropa em marcha para o combate fluvial com relativa camuflagem, porém, oferece para o lado que se encontra estacionada em solo, uma imensa cobertura, além disso, restringe a observação e os campos de tiro da tropa em deslocamento fluvial. Desta forma, o combate de encontro torna-se uma constante, com grande vantagem ao elemento estacionado.

De acordo com a pesquisa feita junto ao Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), verificou-se que *“nas operações de Marcha para o Cmb Fluvial, tem-se verificado a importância do comandante do escalão de reconhecimento, bem como do GC ponta, estarem sempre muito bem orientados, pois caso sofram alguma ação por parte do inimigo, a informação precisa da posição do inimigo permitirá o emprego do Ap F e da tropa que realizará a manobra no terreno com menor possibilidade erro ou de fratricídio e maior eficiência no resultado da ação”*.

Diante do exposto, confrontando as idéias elencadas acima, torna-se extremamente valioso para a tropa em reconhecimento de eixo fluvial, possuir adequados meios de orientação e navegação, meios fluviais com relativa proteção blindada, reduzida assinatura radar, capacidade de detecção nas margens do curso d'água como radares e equipamentos de visão termal, velocidade, aceleração, capacidade de manobrar em 360 graus e poder de fogo compatível, tudo isso com a finalidade de se equilibrar este conflito.

O 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva possui como meios fluviais, embarcações do tipo EPG (Embarcações Patrulha Grupo) e EPE (Embarcações Patrulha Esquadra) que representam fielmente os meios disponíveis pelo Exército Brasileiro para o deslocamento tático em meio fluvial. Poderão ser utilizadas para o transporte administrativo embarcações civis ou balsas. Para o apoio de fogo embarcado, porém, necessita-se do apoio da Marinha do Brasil.

Analisando as embarcações empregadas pelo Exército Brasileiro pode-se perceber que não possuem proteção blindada, não possuem qualquer torreta ou pedestal para o suporte do armamento, mesmo que individual, para favorecer o engajamento de alvos, não oferece proteção para o piloto, são impulsionadas por motores de popa de 25 a 40hp que não oferecem velocidade de deslocamento e aceleração para evasão de locais de emboscada e possuem baixa autonomia, e ainda, não favorecem o desembarque rápido ou posições de tiro adequadas para a tripulação. Pode-se posicionar Mtr MAG ou FAP em sua proa, porém, com o armamento sem ponto de fixação, o que reduz sua precisão.

Sobre quais meios a organização do entrevistado deveria possuir para a realização da missão, 80% responderam embarcações blindadas ou lanchas táticas, estando em consonância com a visão de futuro do Exército Brasileiro quanto à criação da Companhia de Embarcações de Combate.

Verificou-se que é desejável a modernização dos atuais meios fluviais para o combate ribeirinho do Exército Brasileiro já que, atualmente, para a detecção da presença inimiga o único meio disponível nos pelotões do 23º Esqd C SI é o binóculo. Para a sua orientação os pelotões dispõem de 03 (três) GPS e não possuem meios de apoio de fogo compatível, como os empregados pelos SEALs americanos, pelo ECF colombiano ou pelos fuzileiros navais

brasileiros.

De qualquer forma, o Centro de Embarcações do Comando Militar da Amazônia encontra-se em estudo de novas embarcações que visam reduzir o atual hiato tecnológico.

Não obstante as carências táticas impostas pelas embarcações em uso pelo 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva e, analisando-se as formas de emprego da tropa SEAL no Vietnã, do Batalhão de Operações Ribeirinhas e do Elemento de Combate Fluvial da Colômbia, pode-se propor, conforme o Apêndice A, a organização do Pelotão de Exploradores, em adequação aos meios disponíveis, visando cumprir a missão de reconhecimento de eixo fluvial.

A proposta constante do Apêndice A teve por objetivos adequar o Pelotão de Exploradores aos dados obtidos pela revisão bibliográfica e análise dos questionários. Buscou-se utilizar o maior número de pequenas embarcações visando, mantendo-se a integridade tática, dotar o pelotão de relativo poder de fogo e máximo de flexibilidade.

A utilização das EPE encontra amparo, ainda, na necessidade de sigilo das frações empregadas à testa da coluna de marcha. Desta forma, sempre estará à frente do pelotão embarcações com pequena assinatura visual, embarcada com cinco homens que, caso seja necessário o desembarque, não comprometerão o sigilo.

Tendo em vista que tanto os SEALs americanos, o ECF colombiano ou os fuzileiros navais brasileiros possuem meios de apoio de fogo, da necessidade de meios de apoio de fogo salientada nos questionários, e sendo ainda o poder de fogo uma característica básica da arma de Cavalaria, buscou-se reforçar o pelotão com a seção de morteiros médios. Este reforço em armamento de tiro curvo tem por finalidade apoiar as ações de elementos desembarcados, eventuais desengajamentos e, principalmente, aumentar o poder relativo de combate, buscando-se adequar aos ensinamentos colhidos, principalmente, pela tropa americana durante o conflito do Vietnã.

O 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva possui, ainda, em sua organização uma Seção de Mísseis anticarro que poderia ser utilizada, dependendo da análise da missão. Para isso, bastaria utilizar-se de apenas uma peça de morteiro médio, e embarcar a seção de mísseis em uma EPE.

Desta forma, pode-se verificar que os meios fluviais existentes no 23º

Esquadrão de Cavalaria de Selva são insuficientes para a utilização dos seus dois pelotões de exploradores em reconhecimento de eixo fluvial, caso não conte com reforço de embarcações do escalão superior.

Analisando o armamento do pelotão de exploradores, sugere-se a substituição das pistolas dos soldados motoristas por fuzis, já que não necessitarão cumprir esta função e sim, a de exploradores. Pode-se, ainda, dotar o pelotão com lançadores de granada 40mm, armamento em uso pelo Exército Brasileiro que proporcionaria maior poder de fogo a fração para os combates de encontro.

Por fim, é necessário salientar que o pelotão de exploradores estará altamente dependente quanto à sua logística, necessitando de apoio cerrado do escalão superior, principalmente com relação à alimentação, munição e combustível, sem esquecer que as embarcações utilizadas não possuem sistema elétrico, desta forma, os equipamentos de comunicações utilizados serão do tipo portáteis, que não possibilitam a transmissão a grandes distâncias e necessitam da substituição de suas baterias.

Quanto ao processo de reconhecimento, obteve-se a unanimidade com relação à possibilidade de utilização das mesmas técnicas empregadas no reconhecimento de eixo terrestre para a execução do reconhecimento de eixo fluvial, principalmente pelo fato das técnicas serem de conhecimento de todos e, por acreditarem ser possível sua adaptação. Da análise das sugestões acerca de aspectos que necessitariam de ajustes, e ainda, da experiência pessoal do autor em operações de reconhecimento de eixo fluvial, apresentou-se a proposta constante do Apêndice B.

Dos questionamentos realizados junto ao Comando Militar da Amazônia e ao Centro de Instrução de Guerra na Selva, não houve acréscimo sobre inovação doutrinária permanecendo o previsto nos manuais utilizados como fonte de consulta.

#### **4 CONCLUSÃO**

O presente estudo teve por finalidade propor um processo para o reconhecimento de eixo fluvial a ser empregado pelo Pelotão de Exploradores orgânico do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva.

Através da análise das definições de reconhecimento em uso pelo Exército Brasileiro pôde-se concluir que o reconhecimento de eixo fluvial é a ação conduzida em campanha, pelo emprego de meios que permitam o deslocamento fluvial, que visa obter informações sobre determinado eixo fluvial, o terreno a ele adjacente e/ou inimigo que dele se utiliza.

Atualmente, na doutrina vigente do Exército Brasileiro, o escalão de reconhecimento, lançado da unidade vanguarda em uma marcha para o combate fluvial é o que mais se aproxima das operações de reconhecimento de eixo fluvial, tendo como diferenças básicas a distância que atuam do grosso e o escalão em proveito do qual operam.

Durante a pesquisa bibliográfica constatou-se operações semelhantes conduzidas pelas Marinhas do Brasil, dos Estados Unidos da América e pela Colômbia. De uma forma geral, apresentam as mesmas características, pois existindo uma frota em deslocamento fluvial, lançam à frente grupos de fuzileiros navais através de embarcações menores, para prover segurança em pontos críticos, desobstruir a via aquática e obter dados sobre o terreno ou o inimigo.

Pela similaridade dos aspectos táticos do terreno entre a floresta vietnamita e a Amazônia brasileira, buscou-se aprofundar o estudo sobre a experiência militar americana durante o conflito travado naquele ambiente, visando apresentar uma proposta baseada na doutrina brasileira vigente e em ensinamentos colhidos durante o combate no Vietnã.

O 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva foi criado com a finalidade de, buscando o contato com o inimigo, fornecer informações sobre suas ações e sobre o terreno onde opera, além de participar de operações ofensivas, defensivas e de garantia da lei e da ordem. Organizado em dois pelotões de exploradores, um pelotão de fuzileiros mecanizado e um pelotão de comando e apoio, pode cumprir as mais diversas missões.

Pela análise dos seus meios fluviais orgânicos, concluiu-se que o 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva pode reconhecer apenas um eixo fluvial e, se reforçado com embarcações, até dois eixos, empregando preferencialmente, seus pelotões de exploradores.

Observando a composição dos seus pelotões orgânicos, optou-se pelo Pelotão de Exploradores por possuírem meios de transporte mais leves, no

caso viaturas leves e motocicletas, que se fossem necessários transportar onerariam menos a função logística.

A partir da observação do processo de reconhecimento de eixo terrestre verificou-se ser possível sua utilização para o reconhecimento de eixo fluvial, através dos ajustes necessários na organização do pelotão, embarque nos meios fluviais disponíveis e pequenas adaptações nas técnicas de progressão e de reconhecimento, ajustando-as para as características do terreno operacional amazônico.

Tendo em vista o alto grau de tecnologia agregada nas embarcações militares empregadas atualmente, sugerem-se estudos acerca de blindagens, radares terrestres e fluviais, materiais de pequena assinatura digital, meios de comunicações e logística no deslocamento fluvial como formas de complementar este estudo.

Desta forma, através de poucas adaptações no processo de reconhecimento de eixo terrestre e na organização do pelotão de exploradores, concluiu-se ser possível o reconhecimento de eixo fluvial pelo Pelotão de Exploradores, recomendando-se o processo constante do Apêndice B como forma de contribuir para o aperfeiçoamento da doutrina militar terrestre.

## **AUTOR**

Cap Cav Kleber Yañez do Nascimento. É oficial da arma de Cavalaria (Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, 2002). Possui bacharelado em Ciências Militares pela AMAN (2002) e especialização em Operações na Selva pelo Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS - 2006). Atualmente, serve na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, no Rio de Janeiro, RJ.

## **REFERÊNCIAS**

BECKER, B.K. **Amazônia**: São Paulo: Garamondeopolítica na virada do III milênio. São Paulo: Garamond, 2007.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 7-1**: Emprego da Infantaria. 2. ed. Brasília: EGGCF, 1984.a

\_\_\_\_\_. Estado-Maior do Exército. **C 7-30**: Brigadas de Infantaria. 1. ed.

Brasília: EGGCF, 1984.b

\_\_\_\_\_. Estado-Maior do Exército. **IP 72-1: Operações na Selva.** 1. ed. Brasília: EGGCF, 1997.a

\_\_\_\_\_. Estado-Maior do Exército. **C 72-20: O Batalhão de Infantaria de Selva.** 1. ed.: Brasília: EGGCF, 1997.b

\_\_\_\_\_. Estado-Maior do Exército. **C 2-1: Emprego da Cavalaria** 2. ed. Brasília: EGGCF, 1999.

\_\_\_\_\_. Estado-Maior do Exército. **C 2-20: Regimento de Cavalaria Mecanizado** 2. ed. Brasília: Ministério da Defesa, 2002.a

\_\_\_\_\_. COTER. **CI 17-1/1: Pelotão de Exploradores** 1. ed. Exp. Brasília, 2002.b

\_\_\_\_\_. CGCFN-1-2. **Manual de Operações Ribeirinhas dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais.** Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério dos Transportes. Disponível em: <<http://www2.transportes.gov.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

CUNHA, G. M. O Reconhecimento de Eixo Fluvial pelo Esquadrão de Cavalaria de Selva. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: EsAO, 2010.

ECUADOR. MANUAL de EMPLEO DE EL BATALLÓN DE SELVA. Quito, 2009.

ELKFURY, José Henrique Salvi - Revista O Anfíbio – 2001. Disponível em: <<http://sistemadearmas.sites.uol.com.br/nav/flubra3bor.html/>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

MANSECK, Hartmut. Guerra Fluvial. **Tecnologia Militar**, Istanbul, n. 1/2011, p. 80-84, mar. 2011.

MOURA, J. F. Embarcações de Emprego Tático na Companhia de Fuzileiros de Selva na Marcha de Combate Fluvial: Uma Análise. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: EsAO, 2009.

NEVES, E. B.; DOMINGUES, C. A. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.

PINTO, F. **Memórias de um repórter.** Brasília: Theasurus, 2004.

RIVERINE forces. **Jane's Navy International**, Berkshire, n. 116, p.14-24, mar. 2011.

SEALS no Vietnã. Disponível no site <<http://sistemadearmas.sites.uol.com.br/nav/fluusaseal.html>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

SOUZA, F. S. O Emprego das Embarcações Rápidas, Levemente Blindadas em missões de Reconhecimento de Fronteira na Região Amazônica. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: EsAO, 2007.

## APÊNDICE A

### PLANO DE EMBARQUE DO PEL EXP NOS MEIOS FLUVIAIS ORGÂNICOS

Fração		Armto	Embarcação
Grupo de Comando		Cmt Pel	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		Sd At/R Op	Pst/ Mtr MAG
		Adj Pel	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		Sd At/R Op	Pst/ Mtr MAG
1º GE	1ª Patr	Cmt Gp	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		At	Pst/ Mtr MAG
		Exp	Fuzil/ AT 4
		Exp	Fuzil/ AT 4
	2ª Patr	Aux	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		At	Pst/ Mtr MAG
		Exp	Fuzil/ AT 4
		Exp	Fuzil/ AT 4
2º GE	1ª Patr	Cmt Gp	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		At	Pst/ Mtr MAG
		Exp	Fuzil/ AT 4
		Exp	Fuzil/ AT 4
2º GE	2ª Patr	Aux	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		At	Pst/ Mtr MAG
		Exp	Fuzil/ AT 4
		Exp	Fuzil/ AT 4
3º GE	1ª Patr	Cmt Gp	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		At	Pst/ Mtr MAG
		Exp	Fuzil/ AT 4
		Exp	Fuzil/ AT 4
	2ª Patr	Aux	Fuzil
		Mot / Exp	Fuzil
		At	Pst/ Mtr MAG
		Exp	Fuzil/ AT 4
		Exp	Fuzil/ AT 4
Seção de Morteiros Médios		Cmt Seç	Fuzil
		Ch 2ª Peça	Fuzil
		Cb At	Pistola/ Mrt Me
		Cb At	Pistola/ Mrt Me
		Sd Aux At	Fuzil
		Sd Aux At	Fuzil
		Sd Mun	Fuzil
		Sd Mun	Fuzil

Quadro – Distribuição do Pel Exp em meios fluviais

Fonte: o autor

## APÊNDICE B

### PROCESSO DE RECONHECIMENTO DE EIXO FLUVIAL PELO PELOTÃO DE EXPLORADORES ORGÂNICO DO 23º ESQUADRÃO DE CAVALARIA DE SELVA (PROPOSTA)

Buscando-se adaptar o processo de reconhecimento de eixo terrestre ao reconhecimento de eixo fluvial, em consonância com o apresentado no tópico discussão dos resultados, apresenta-se a seguinte proposta, que encontra-se dividida em formações de combate, técnicas de progressão, fundamentos de reconhecimento e técnicas de reconhecimento.

#### 1 FORMAÇÕES DE COMBATE DO PELOTÃO DE EXPLORADORES

O Pelotão de Exploradores poderá ser empregado em diversas formações de combate. A formação deverá ser avaliada levando-se em conta a segurança, a velocidade de progressão e presença do inimigo.

##### 1.1 Em coluna

Formação usada quando o eixo fluvial e campos de tiro forem estreitos e sabe-se a direção de atuação do inimigo.

Seç Mrt Me			3º GE	G Cmndo		2º GE		1º GE	
				Adj Pel	Cmt Pel	2ª Patr	1ª Patr	2ª Patr	1ª Patr
									

Esta formação possui uma variante com a disposição de um grupo de exploradores à retaguarda, para as situações que não se sabe a direção de atuação do inimigo.

2º GE		Seç Mrt Me			3º GE	G Cmndo		1º GE	
2ª Patr	1ª Patr					Adj Pel	Cmt Pel	2ª Patr	1ª Patr
									

### 1.2 Em colunas justapostas

Formação utilizada quando não há presença do inimigo, o eixo fluvial for largo ou quando se deseja imprimir velocidade ao deslocamento.

				
Seç Mrt Me	3º GE	Cmt Pel	2ª Patr	1ª Patr
		G Cmdo	1º GE	
			2º GE	
Seç Mrt Me		Adj Pel	2ª Patr	1ª Patr
				

### 1.3 Formação em “Y”

Formação utilizada quando o eixo fluvial permitir o pelotão se desdobrar, for necessário reconhecer braços do rio ou realizar passagens por locais perigosos em que a posição do inimigo é desconhecida.

Seç Mrt Me			3º GE	G Cmdo			
				Adj Pel	Cmt Pel	2ª Patr	1ª Patr
						1º GE	
						2º GE	
						2ª Patr	1ª Patr
							

## 2 TÉCNICAS DE PROGRESSÃO

As técnicas de progressão são utilizadas com o objetivo de diminuir a exposição do pelotão às vistas e aos fogos inimigos e para facilitar o cumprimento da missão. (BRASIL, 2001)

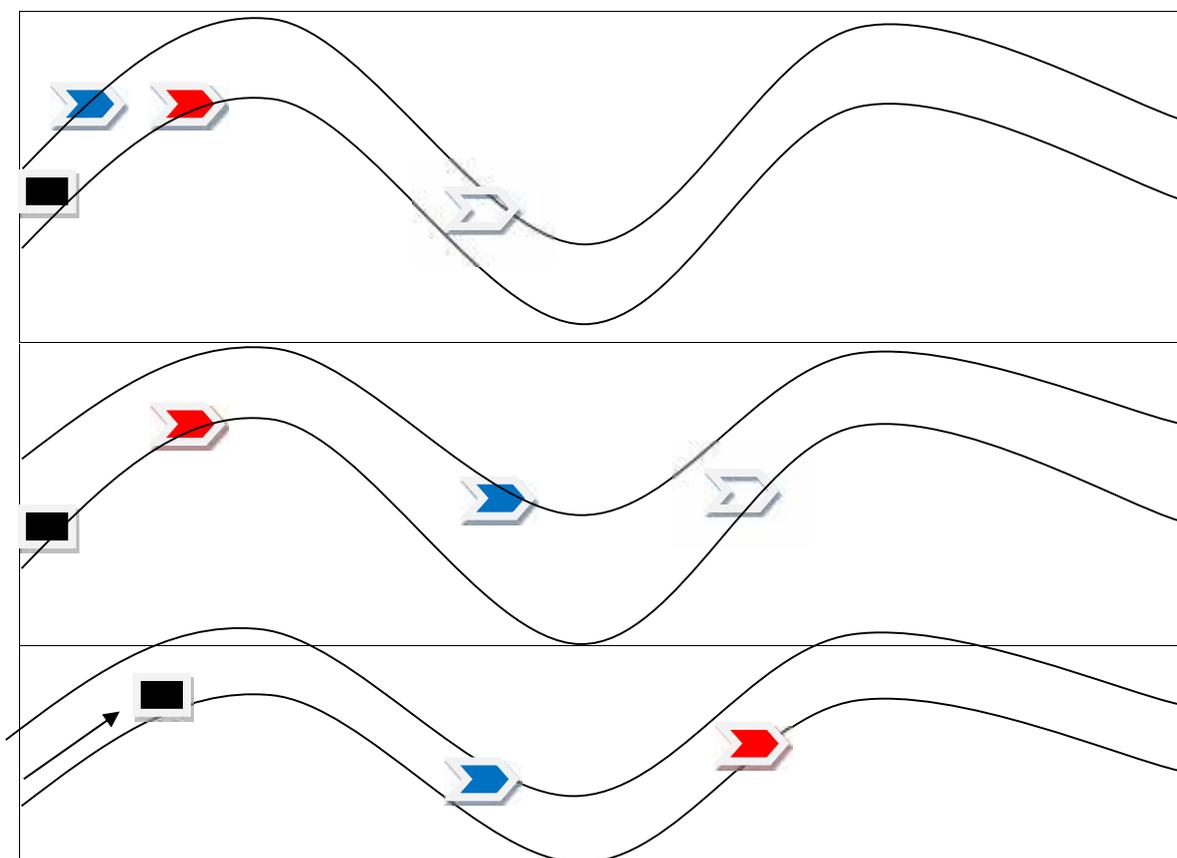
As técnicas utilizadas pelo pelotão podem ser: movimento contínuo, movimento por lanços sucessivos e movimento por lanços alternados.

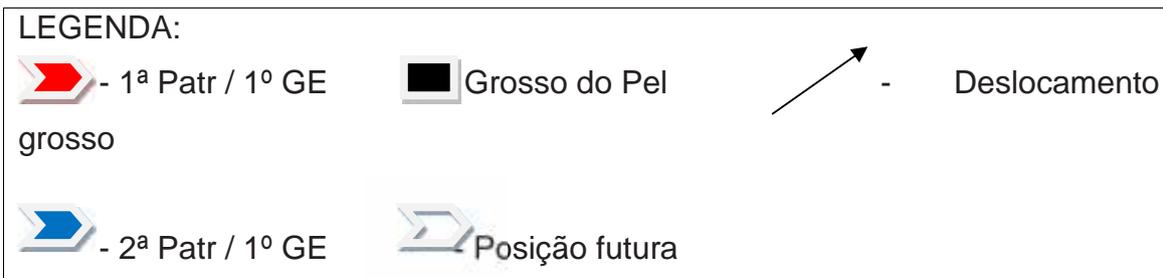
## 2.1 Movimento contínuo

Utilizado quando o contato com o inimigo não for provável. Oferece maior rapidez ao deslocamento mas menor segurança. Nesta técnica de progressão, o pelotão desloca-se como um todo sem realizar paradas, podendo-se utilizar qualquer formação. Tendo em vista o baixo grau de segurança, a dispersão das embarcações deve ser maior.

## 2.2 Movimento por lanços alternados

Utilizado quando o contato com o inimigo tornar-se provável. Oferece relativa velocidade e segurança ao pelotão. Nesta técnica de progressão, as embarcações à frente da formação, revezam-se na liderança do movimento, estando sempre uma estacionada visando apoiar pelo fogo e pela observação, o deslocamento da outra. Após a embarcação à frente ocupar nova posição, proporcionando segurança para o restante do pelotão, a embarcação que ficou a retaguarda reinicia seu movimento. O grosso do pelotão, geralmente, progredirá em lanços sucessivos, ficando o lanço alternado como técnica para a fração à testa da coluna.

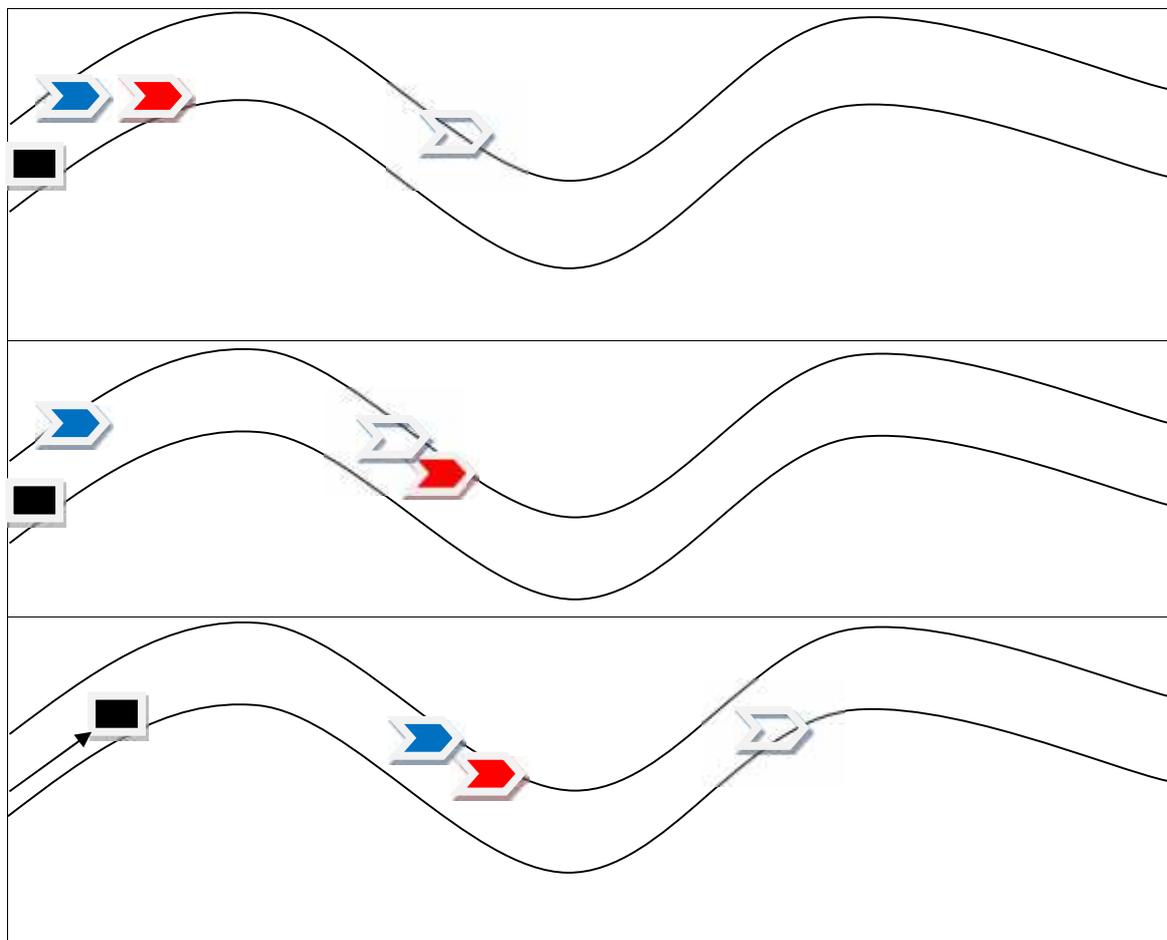


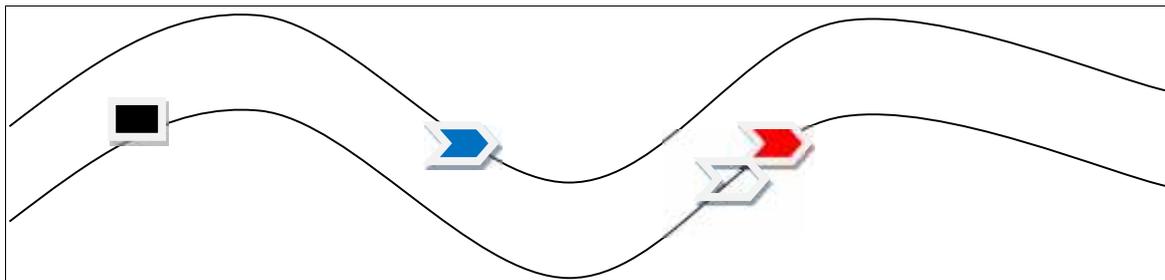


### 2.3 Movimento por lanços sucessivos

Utilizado quando o contato com o inimigo tornar-se iminente. Oferece maior segurança e menor velocidade ao pelotão. Nesta técnica de progressão, a liderança do movimento caberá sempre a mesma embarcação. A embarcação testa progride até sua nova posição e estabelece a segurança reconhecendo o terreno a frente.

Neste momento, a embarcação à retaguarda se desloca, ocupa a posição e fornece segurança para que a embarcação testa retome o deslocamento.





### 3 FUNDAMENTOS DE RECONHECIMENTO

O Pelotão de Exploradores durante o reconhecimento de eixo fluvial será balizado pelos seguintes fundamentos: Orientar-se segundo os objetivos de informação, participar com rapidez e precisão todos os informes obtidos, evitar o engajamento decisivo, manter o contato com o inimigo e esclarecer a situação. (BRASIL, 1999)

Orientar-se segundo os objetivos de informação, durante o reconhecimento de eixo fluvial, baliza que o pelotão de exploradores estará buscando informações sobre o inimigo ou sobre o terreno, qual seja o objetivo da missão. Desta forma, sabendo o objetivo da missão, o pelotão envidará todos os esforços para obter a informação desejada, guiando-se através da missão pela sua finalidade.

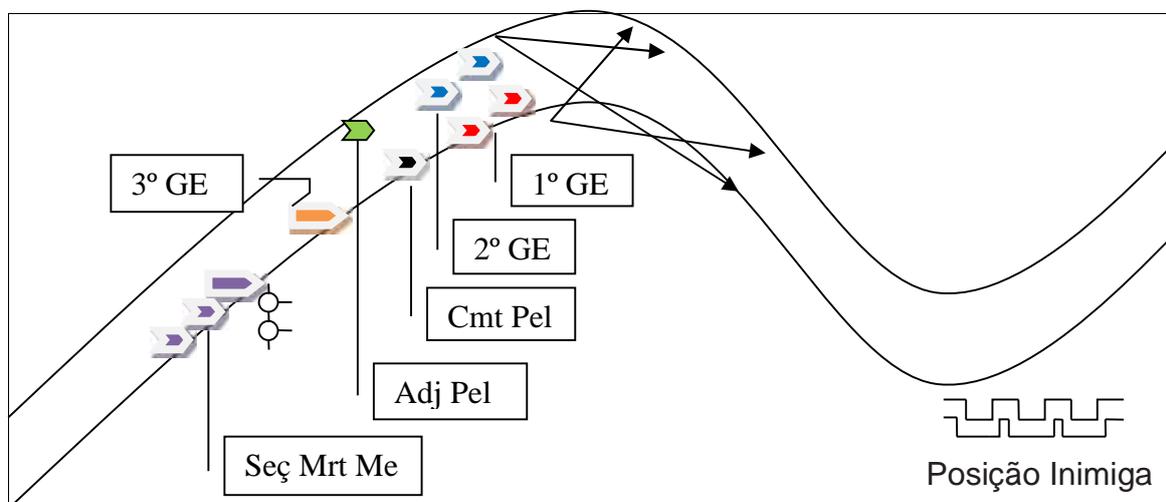
Toda informação que possa comprometer o deslocamento do escalão superior ou sobre a presença do inimigo devem ser relatados de imediato e com o máximo de precisão possível. Durante o reconhecimento fluvial, locais pedregosos, trechos rasos do rio, obstáculos, locais de prováveis emboscadas e contato com o inimigo, são informações preciosas que devem ser de conhecimento do escalão que lançou a tropa em reconhecimento. As informações devem ser prestadas de maneira imparcial, não contendo opiniões pessoais. Cabe ao comandante do pelotão certificar-se que a informação chegou de forma clara ao escalão superior. (BRASIL, 1999)

Ao obter-se o contato do inimigo, geralmente objetivo principal do reconhecimento, o pelotão não deverá jamais engajar-se decisivamente, pois desta forma perderá sua liberdade de manobra. O pelotão de exploradores somente se engaja para evitar sua destruição, captura ou para obter alguma informação necessária. Depois de realizado o contato com o inimigo, este deverá ser mantido. Este princípio evita que o escalão superior possa ser

surpreendido por alguma manobra do oponente, e fornece informações importantes sobre o dispositivo, valor, composição e localização de posições inimigas, objetivos do fundamento esclarecer a situação.

Sendo o combate de encontro, o tipo de conflito mais comum na ambiente operacional amazônico, o pelotão de exploradores deverá evitar, de todas as formas, ser visto pelo inimigo. A utilização exata das técnicas de progressão, a escolha da formação correta e balizar seu deslocamento colocando a segurança em primeiro lugar, evitarão que o pelotão seja surpreendido. O pelotão só deve avançar tendo a certeza de não haver presença do inimigo. Todos os integrantes do pelotão devem estar alertas para ver, ouvir e sentir a presença do inimigo. A localização do inimigo só será percebida se todos estiverem atentos aos mínimos resquícios de sua presença, pois a densa vegetação da Amazônia lhe proporciona uma imensa coberta. O eixo de progressão fluvial deve ser encarado como local perigoso para o deslocamento, pois não fornecerá abrigos abundantes e, pela sua importância como canal de comunicação, inevitavelmente será objetivo de controle.

Ao estabelecer o contato com o inimigo o pelotão deverá tomar algumas ações, conhecidas como ações durante o contato (BRASIL, 1999). A primeira ação é desdobrar o pelotão, que compreende posicionar suas pequenas frações estabelecendo uma posição defensiva para se proteger caso seja descoberto. O quadro abaixo apresenta uma sugestão para o desdobramento do pelotão de exploradores.



Nesta sugestão, o 3º Grupo de Exploradores (3º GE) poderá permanecer

realizando a segurança aproximada para os flancos ou realizar a segurança para a retaguarda. Os grupos de exploradores à frente do pelotão poderão desembarcar uma metralhadora MAG e manter a outra embarcada. A Seção de morteiros médios entra em posição.

Tendo tomado o dispositivo, o comandante do pelotão informa ao escalão superior a presença do inimigo e passa a esclarecer a situação, buscando as informações sobre o dispositivo, valor, localização e composição do inimigo. Para isso, poderá buscar estas informações pelo meio visual (binóculo, olho nu), eletrônico (radar, equipamento de visão termal) ou através do envio de pequenas patrulhas até as proximidades da posição. (BRASIL, 1999)

Obtidas informações detalhadas, o comandante do pelotão irá selecionar uma linha de ação e informá-la o quanto antes ao escalão superior sua decisão. Geralmente, as linhas de ação a serem tomadas oscilam entre desbordar, manter o contato ou atacar a posição para liberar o eixo de progressão. Quaisquer das decisões tomadas deverão ser autorizadas pelo escalão superior. (BRASIL, 1999)

Desbordar a posição nem sempre será possível em um eixo fluvial amazônico, pois dependerá da existência de furos ou paranás nas proximidades e, por mais que existam, dificilmente não haverá presença do inimigo nestes caminhos caso estejam defendendo aquela porção do eixo. Serão necessários reconhecimentos para possibilitar esta tomada de decisão.

O ataque a posição só ocorrerá caso o inimigo tenha pequeno valor ofensivo, e, esta decisão precisa estar atenta aos objetivos de informação impostos, pois poderá comprometer a conquista dos objetivos do escalão superior ao revelar ao inimigo nossa manobra.

Por fim, resta a decisão de manter o contato que se tomada, impõe o reconhecimento detalhado do inimigo, de forma que quando o escalão superior solicite maiores informações para a execução de um futuro ataque, por exemplo, o pelotão possa prestar-lhe. Este reconhecimento detalhado buscará informações sobre o armamento, possíveis itinerários de retraimento do inimigo, melhor faixa de infiltração para o ataque, valores militares do terreno, dispositivo do inimigo em profundidade e presença de outras forças inimigas que possam interferir na manobra.

#### 4 TÉCNICAS DE RECONHECIMENTO

Os objetivos de informação durante o reconhecimento de eixo fluvial, como foi dito anteriormente, balizam todo o esforço da operação. Partindo do pressuposto que a operação de reconhecimento executada pelo pelotão de exploradores encontra-se no contexto de uma operação ofensiva do escalão superior que se encontra em marcha para o combate, onde o objetivo é estabelecer o contato com o inimigo, não restam dúvidas de este será o grande objetivo da operação.

Para as operações no ambiente operacional amazônico, tendo como eixo de progressão o eixo fluvial, verifica-se que para se atingir o objetivo da operação será necessário reconhecer os acidentes capitais, as porções do terreno que de posse do inimigo o permitirão controlar parte, ou mesmo, todo o eixo de progressão.

Analisando o ambiente operacional em questão, podemos considerar como os principais acidentes capitais as localidades, as regiões de passagem sobre o eixo fluvial, portos e as curvas e confluências dos rios. (BRASIL, 1997)

Durante o planejamento, todos os acidentes capitais devem ser identificados e a conduta a ser tomada pelo pelotão deve ser explanada durante a emissão de ordens, de forma que não haja interrupções da progressão ou necessidades de emissão de ordens fragmentárias.

##### 4.1 RECONHECIMENTO DE LOCALIDADE

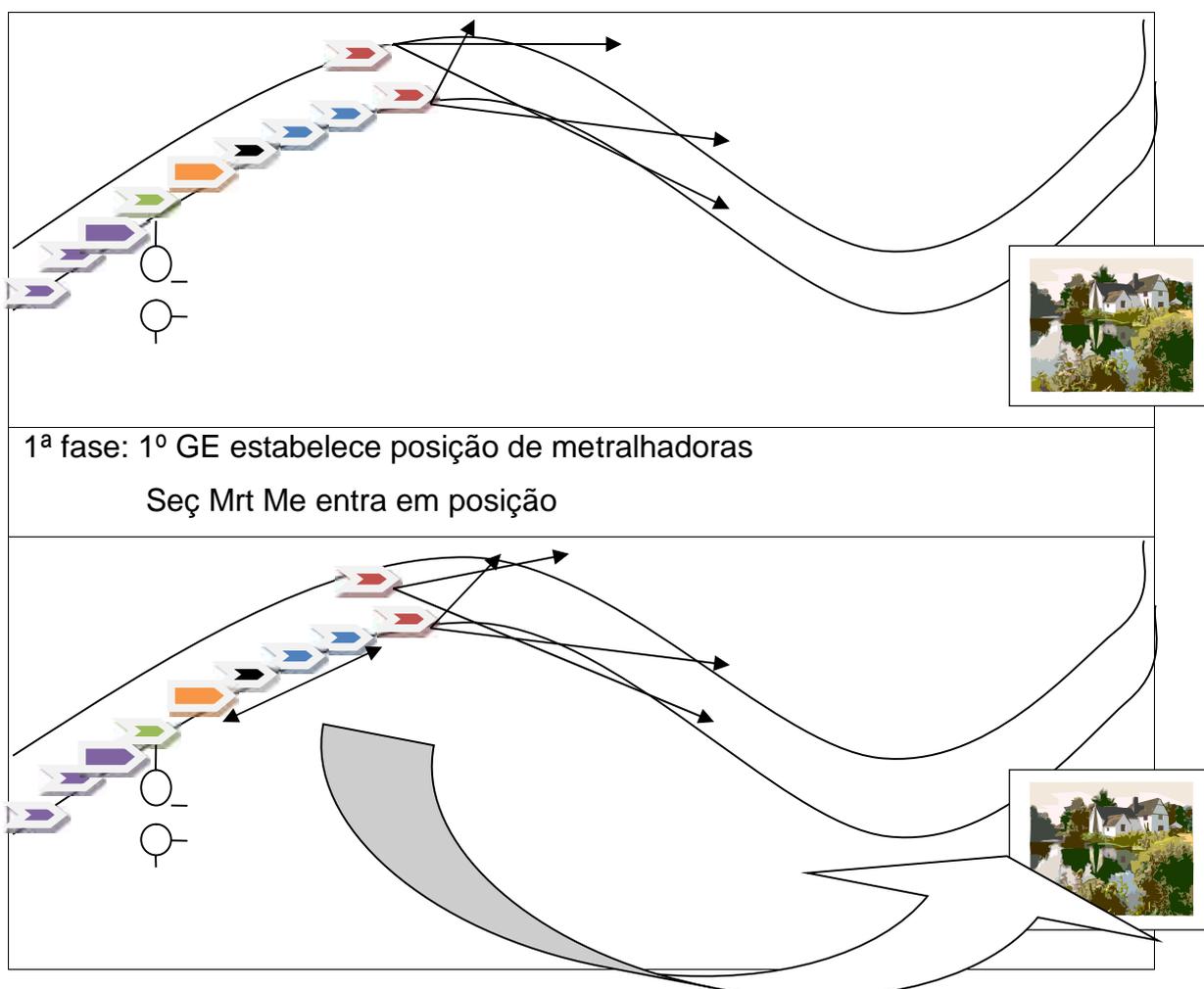
Ao aproximar-se de uma localidade, o pelotão irá parar seu deslocamento a uma distância segura, que impeça a observação direta por um eventual inimigo. O grupo de exploradores que estiver liderando o movimento irá ocupar posições de tiro que possibilitem apoiar pelo fogo o reconhecimento da localidade, proteger os meios do pelotão e ainda, bloquear o avanço inimigo.

A seção de morteiros médios entrará em posição à margem do eixo fluvial e realizará o levantamento de alvos no interior e nas extremidades da localidade. Estes alvos têm por objetivo apoiar o reconhecimento, barrar a retirada e/ou o reforço do inimigo.

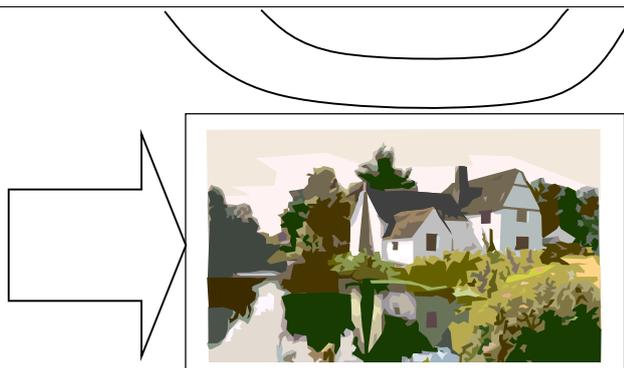
O adjunto poderá acompanhar o reconhecimento ou coordenar a base de fogos do pelotão. As comunicações com as frações que reconhecem deve ser uma preocupação constante para que se possa apoiar devidamente a ação

e se evitar o fratricídio. Cabe ainda ao adjunto, a responsabilidade de verificar a camuflagem dos meios do pelotão, de forma que uma eventual observação aérea ou terrestre não os identifique.

Dispondo de dois grupos de exploradores, o comandante de pelotão irá avançar sobre a localidade buscando abordá-la pelos flancos e evitando as vias de acesso mais prováveis. Tendo em vista que a aproximação pelo eixo fluvial irá, com maior probabilidade, denunciar sua aproximação, deverá se deslocar aproveitando-se das cobertas e abrigos da selva. Os grupos atingirão a localidade já desdobrados. Ao ultrapassar a localidade, um grupo tomará posições defensivas nas principais vias de acesso para o inimigo visando impedir-lhes um ataque surpresa, enquanto o outro grupo pode realizar reconhecimentos detalhados dentro da localidade. Ao término do reconhecimento, os meios do pelotão cerram à frente para que seja retomado o deslocamento. Cabe ressaltar, que pelo efetivo do pelotão, só será possível reconhecer, sem apoio do escalão superior, pequenas localidades. O quadro abaixo apresenta as fases de um reconhecimento de localidade.



2ª fase: 2º, 3º GE e Cmt Pel se infiltram em direção a localidade



3ª fase: 2º, 3º GE e Cmt Pel investem sobre a localidade, abordando-a pelo flanco.



4ª fase: 2º GE estabelece perímetro defensivo e 3º GE realiza Rec detalhado.  
Término do reconhecimento: os meios do Pel cerram à frente.

Utilizando-se a técnica descrita acima, o pelotão de exploradores poderá ainda reconhecer portos ou ancoradouros na região amazônica.

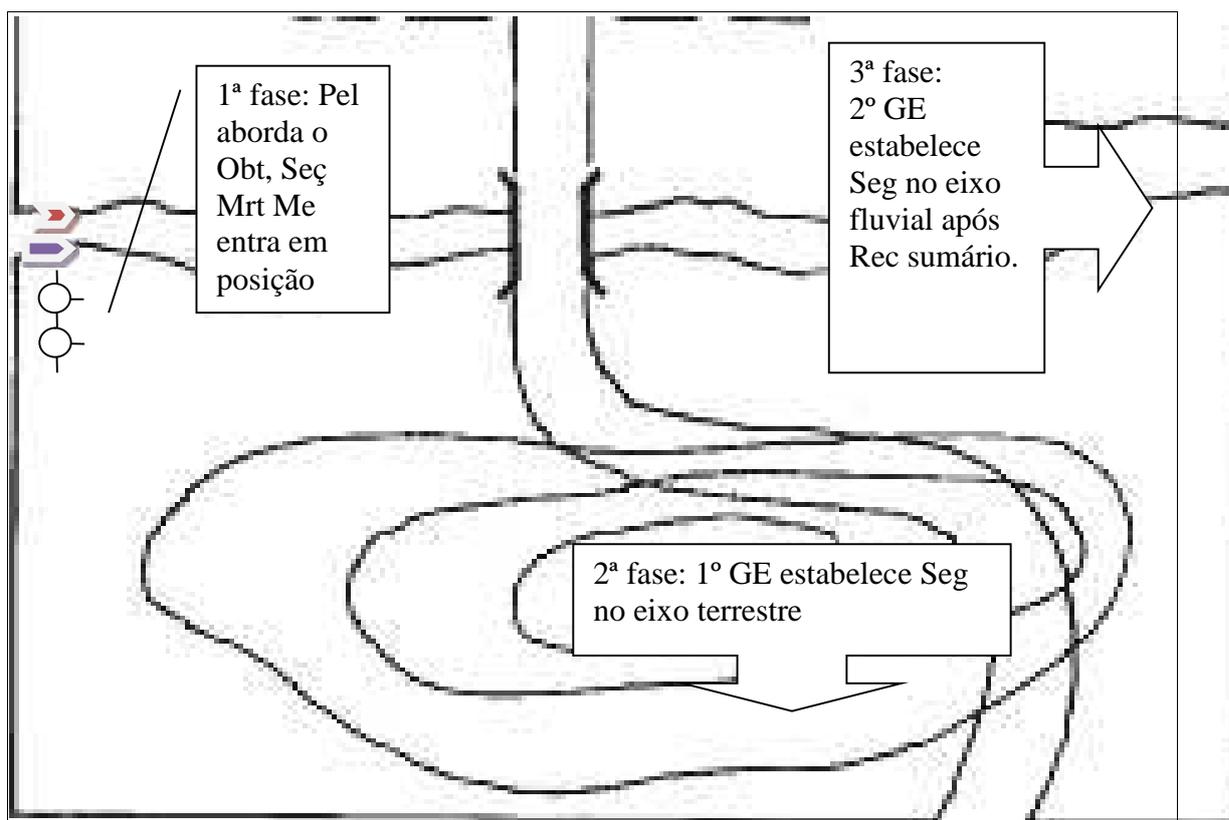
#### 4.2 RECONHECIMENTO DE PONTES OU REGIÕES DE PASSAGEM

As poucas estradas existentes na Amazônia reforçam sua importância estratégica. Desta forma, há de se considerar que qualquer ponte ou região de passagem sobre o eixo fluvial que se reconhece poderá estar de posse do inimigo.

A abordagem do obstáculo dar-se-á da mesma forma citada anteriormente, com o pelotão parando seu deslocamento em posição segura e desdobrando suas peças.

Para o reconhecimento, serão empregados os três grupos de exploradores. O 1º GE terá a missão de estabelecer segurança aproximada do local a ser reconhecido, sobre o eixo terrestre. O 2º GE realizará um reconhecimento sumário do local e estabelecerá a segurança aproximada

sobre o eixo fluvial. Este reconhecimento sumário estará limitado a verificar se existem explosivos, minas ou armadilhas que comprometam sua passagem sobre o local. O 3º GE terá a missão de reconhecer o local detalhadamente, verificando armadilhas escondidas, destruições preparadas ou obstáculos para a passagem do escalão superior. A seção de morteiros médios entrará em posição e será a responsável pela segurança aproximada dos meios do pelotão. Os alvos a serem levantados devem incluir rotas de aproximação terrestres e fluviais.



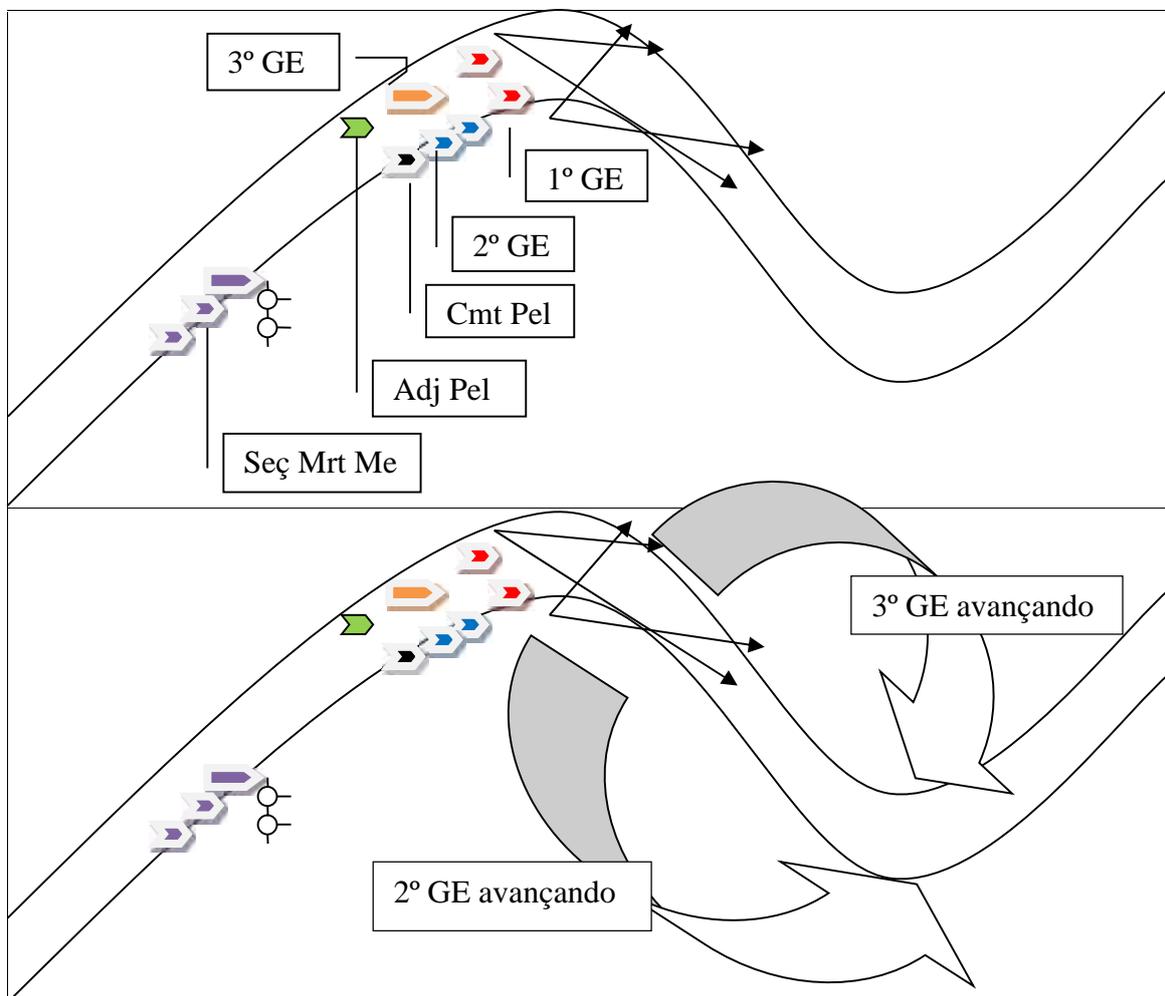
4ª fase: 3º GE realiza reconhecimento detalhado.

Fonte: BRASIL, 2001 (adaptado)

### 4.3 RECONHECIMENTO DE CURVAS E CONFLUÊNCIA DE RIOS

O pelotão de exploradores ao aproximar-se de uma curva de rio, ou uma confluência, deve supor a presença do inimigo. A confluência de rios possibilita mais um eixo de aproximação para o inimigo, que pode aproveitar esta porção da via para realizar um ataque por duas direções, ou vigiando as ações do pelotão, aguardá-lo ultrapassar este ponto crítico e envolvê-lo. As curvas de rio possibilitam ao inimigo mascarar uma posição defensiva da observação direta.

Para reconhecer uma curva de rio, após o pelotão se desdobrar e a seção de morteiros médios e o 1º GE entrarem em posição, os 2º e 3º GE avançarão, cada qual por uma margem do eixo, reconhecendo toda a área e ocupando posições defensivas ao final do reconhecimento.



Partindo da abordagem do obstáculo com a seção de morteiros já em posição, o reconhecimento de confluência de rios, seguirá a mesma seqüência do reconhecimento de curva, com a diferença que os GE seguirão em direções divergentes. No exemplo abaixo, o 2º GE reconhecerá a confluência à direita,

estabelecendo posição defensiva ao final. O 3º GE reconhecerá à frente do eixo. Para o prosseguimento da missão, a seção de morteiros médios juntamente com as embarcações do Cmt e Adj Pel executará um lanço sucessivo até próximo ao 3º GE. Executado o lanço e a seção de morteiros novamente ter entrado em posição, as embarcações do 2º GE poderão cerrar para resgatar o grupo, retraindo para o eixo principal e ocupando posição à frente do 3º GE. Por fim, o 1º GE reassume a testa da formação, reiniciando o deslocamento do pelotão. A distância que o 2º GE deverá avançar dependerá do tempo disponível e do grau de segurança almejado. Sugere-se que esta distância seja suficientemente afastada de modo que impeça o tiro direto de fuzis sobre o local da confluência, o quê dependerá das características do local. É importante salientar que o escalão superior pode determinar que o pelotão permaneça estabelecendo segurança até sua ultrapassagem pelo local.

